

# ARCHÉ (ἀρχή) NA FILOSOFIA DE HANNAH ARENDT: AS MODALIDADES DA VITA ACTIVA E O PRIVILÉGIO DA AÇÃO

## ARCHÉ (ἀρχή) IN HANNAH ARENDT'S PHILOSOPHY: THE MODALITIES OF ACTIVE LIFE AND THE PRIVILEGE OF ACTION

Lana Helena da Silva dos Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** Hannah Arendt ao propor a reabilitação da *vita activa*, busca salientar o privilégio da ação sobre as outras atividades da condição humana. Ao analisar a mudança de significado da palavra “arché”, a filósofa prioriza o nascimento, que têm em seu sentido mais puro, o iniciar. Nesse contexto, este trabalho pretende desenvolver a importância da Arché na reabilitação da “atividade política por excelência”, ou seja, a ação.

**Palavras-chave:** Vita activa. Ação. Arché. Política. Condição humana.

**Abstract:** Hannah Arendt, in proposing the rehabilitation of *active life*, seeks to highlight the privilege of action on other activities of the human condition. When analyzing the change in meaning of the word “arché”, the philosopher prioritizes birth, which in its purest sense, begins it. In this context, this work intends to develop the importance of Arché in the rehabilitation of “political activity for excellence”, that is, action.

**Keywords:** Active vita. Action. Arché. Politics. Human condition.

### Introdução

*Arché*<sup>2</sup> (ἀρχή) é um termo grego, que significa começo/ponto de partida. Este termo será fundamental para entendermos como Hannah Arendt, empreende a reabilitação da *vita activa* em sua obra mais comentada: *A Condição Humana*.

A ampla e diversificada filosofia de Arendt promove questionamentos sobre os eventos que ocorrem nos dias atuais, nos fornecendo em seus escritos, não uma solução política prescrita, mas um olhar atento sobre a política e iniciativas coletivas. Primeiramente, o presente trabalho busca

---

<sup>1</sup> Mestranda em Filosofia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. (UFRRJ), Bolsista CAPES.

<sup>2</sup> *Arché*: Elemento fundamental que, para os filósofos pré-socráticos, compõe e dá origem ao Universo, sendo encontrado a partir da natureza (*physis*), geralmente se refere ao que é comum e subjacente a todas as coisas.

refletir sobre o privilégio da ação e seus fundamentos. Neste caso, conceber a *arché* como o princípio a partir do qual todas as coisas surgem, nos conduzirá a pensar sobre a nossa origem e, conseqüentemente, sobre nossa condição de “recém-chegados”.

Na seqüência, faremos uma análise sobre a condição de natalidade, dado que, além de sermos uma novidade no mundo, também temos a capacidade de iniciar algo novo através da ação e do discurso; este seria nosso segundo nascimento, o ato e a fala que tomam a centralidade da vida, nos mostram o *quem*, a singularidade, que só podemos conhecer na vida pública, na ação política.

No segundo momento, trataremos da dissolução do sentido de *arché* em duas partes; na primeira parte, verificaremos a redução da *vita activa* no passado, devido a uma desqualificação, pelos antigos filósofos gregos, de tudo aquilo que é aparência, e na segunda parte, apontaremos para a trágica reverberação, da perda do sentido da ação e responsabilidade política na contemporaneidade.

Em suma, reconhecer a colaboração de Hannah Arendt, sobre a retomada da *vita activa*, e mostrar indícios da crítica que o filósofo Byung Chul Han destaca em sua obra: *Sociedade do Cansaço*, sobre a falha de Arendt ao descrever o *animal laborans* moderno, não ser observáveis hoje, na sociedade do desempenho. Dessa maneira, compreender que a ação política é um ato em conjunto, e que só conseguimos assumir quem somos nesse espaço, nos convoca a assumir nossas responsabilidades sobre os assuntos humanos e proteger a pluralidade e a dignidade de todo ser humano no mundo. Além disso, repensar questões que nunca se encerram nos permite entender que a realidade da existência precisa ser encarada, seja ela qual for.

### **As modalidades da *vita activa* e o privilégio da ação**

A *vita activa* corresponde a toda e qualquer atividade das mais elementares às mais complexas realizada pelo ser humano. Ela comporta as seguintes modalidades: trabalho (*labor*<sup>3</sup>); que busca garantir as necessidades básicas do corpo, é através do trabalho que iremos nos manter

---

<sup>3</sup> “a autora afirma que os termos “*labor*” do inglês, “*Arbeit*” do alemão ou “*travail*” do francês, como substantivos, não designam o produto final ou o resultado da ação de trabalhar, permanecendo um substantivo verbal que aponta para a natureza dessa atividade, que é o esforço dispensado para a subsistência do indivíduo e para sobrevivência da espécie” (NETO, 2009, p. 52).

vivos, garantindo a sobrevivência da espécie. Nesta esfera, o fim último do ser é agir em simetria com o metabolismo. Sendo assim, estamos exclusivamente voltados para suprir as necessidades alimentares, vivendo em uma ordem de produção e consumo, consumo e produção. Mais adiante buscaremos entender o alerta que Arendt faz sobre o perigo de reduzir nossas capacidades à mera necessidade de produção e consumo. Já a modalidade da obra; compreende os artefatos criados para facilitar o nosso trabalho e a nossa morada no mundo. É a partir da obra que podemos construir objetos duráveis, monumentos que permanecerão no mundo, o que retrata a construção de um mundo *unnatural*. As obras que se perpetuam parecem dispor de algo importante para a nossa humanidade: são as chamadas obras de arte, ao passo que a arte escapa da nossa voracidade, escapa também do nosso empreendimento de compeli-la a uma finalidade, mas isso não quer dizer que a arte precisa ser vista desinteressadamente. Ao contrário, esta cumpre uma funcionalidade, que parece ser um eixo de abertura. No início do ensaio sobre a “Crise na cultura”, Arendt indica que os termos “cultura de massas” assim como “sociedade de massas”, antes:

empregados com enérgico senso de reprovação-implicando ser a sociedade de massas uma forma depravada de sociedade, e a cultura de massas, uma contradição em termos-, eles se tornaram hoje em dia respeitáveis. [...] A questão, no entanto, é saber, [...] se a relação entre sociedade de massas e cultura será, *mutatis mutandis*, idêntica à relação anteriormente existente entre sociedade e cultura. (ARENDR, 2016, p. 260).

Com o processo da modernidade, parece que um dos únicos indivíduos que restou foi o artista, porque além da arte criar um mundo e fomentar uma condição de amor pela convivência, o artista também é “o autêntico produtor daqueles objetos que toda civilização deixa atrás de si como a quintessência e o testemunho duradouro do espírito que a animou” (ARENDR, 2016, p. 264). Sendo assim, nossa capacidade de compreender o mundo está intrinsecamente vinculada a todas as obras que têm sua permanência no belo, “isto é, de coisas que não são necessárias nem meramente úteis” (ARENDR, 2018, p. 16). O encantamento do ser humano através do belo nos estimula a romper as barreiras do egoísmo, desnudando nossa fragilidade a outrem, em prol do *amor mundi*, e em benefício da convivência entre os seres humanos. Porém, vivemos hoje em uma cultura de massas de uma sociedade de consumo que precisa transformar tudo que há em objeto de uso e satisfação, parece uma disposição canibalesca, mais ainda, uma redução da cultura, com finalidade de uso. Isso significa que existe uma tentativa de reduzir toda a cultura a mero entretenimento e aliciamento para grupos específicos.

A ação, ponto central desta investigação, corresponde à atividade política por excelência. Nesta modalidade, o ato (*práxis*) e a fala (*léxis*) revelam o “*quem*”. Seria como um segundo nascimento, diferente do biológico, no qual a vida se constitui com outros seres humanos, que compartilham o mundo. Somente no campo da ação poderá surgir uma teia entre os humanos sem nenhuma intervenção material.

A condição de natalidade é uma das condições intrínsecas da ação, pois uma vez que chegamos ao mundo surge a possibilidade de iniciar algo novo: “Com a criação do homem veio ao mundo o próprio princípio do começar” (ARENDDT, 2018, p.220). Esse indivíduo absolutamente novo tem o poder de iniciar algo imprevisível, dado que ninguém existe no mundo como nós, e nunca nascerá alguém idêntico a nós, ou seja, somos indivíduos únicos. “Por constituírem um *initium*, por serem recém-chegados e iniciadores em virtude do fato de terem nascido, os homens tomam iniciativas, são impelidos a agir” (ARENDDT, 2018, p. 219). Contudo, chegamos em um mundo já habitado por outros seres humanos, somos inseridos em circunstâncias onde a realidade do mundo tem força condicionante na nossa existência, ou seja, existe uma história, uma cultura, diversas construções, um costume estabelecido pelos que vieram antes de nós. Somos recebidos pelos mais velhos, passamos a ter uma percepção de mundo através dos que vieram antes de nós. Somos educados e orientados pela família e pelas instituições. Quando pronunciamos a palavra educação ou “educados” podemos pensar em algo que permeia o campo pedagógico, antropológico, a iniciação à cultura e a própria instituição escolar, como área de convergência para o aparecimento público no mundo. Dessa maneira, nosso aparecimento físico no mundo se torna o nosso primeiro nascimento, pois somente através de atos e palavras que podemos indagar de alguém, *quem és* de tal modo que a mera aparição física não pode nos responder. Quando avistamos alguém que acabamos de conhecer, podemos falar, grosso modo, de sua aparência física. Esse alguém compartilhará com outros, de vários atributos possíveis, mas captar uma “essência viva” ou uma “unicidade específica” seria inconcebível diante do movimento contínuo da vida. Além disso, sabemos que ao tentarmos fazer uma descrição de alguém nos deparamos com uma “impossibilidade filosófica de se chegar a uma definição do homem” (ARENDDT, 2018, p. 225). A tentativa científica de caracterizar as “qualidades” do ser humano, nos colocaria diante a uma inflexão paradoxal, onde o objeto de estudo e o sujeito do conhecimento são simultaneamente o mesmo. Dessa maneira, não existe uma forma de pressupor natureza ou essência humana, no sentido que avaliamos objetos e coisas.

Uma vez que todas as definições são determinações ou interpretações do que o homem é e, portanto, de qualidades que ele possivelmente poderia ter em comum com outros seres vivos, enquanto sua diferença específica seria encontrada determinando-se que tipo de “quem” ele é (ARENDDT, 2018, p. 225).

Ao estarmos a disposição de agir e assumir “quem” somos, através da ação praticada e do discurso proferido, experienciamos a responsabilidade sobre os assuntos humanos e por aquilo que somos capazes de praticar no espaço público: “esse é o único modo de vida em que há sincera renúncia de toda aparência e de toda vaidade” (ARENDDT, 2018, p. 219). Nesse caso, garantir que a *pólis* seja um espaço comum entre os humanos, que habitam o mundo e compreendem a importância da responsabilidade do agir humano em meio às ações políticas coletivas, é sobretudo assegurar a manutenção da pluralidade, ou seja, da dignidade dos seres humanos.

No entanto, existe uma grande insegurança, indicada pelos antigos filósofos, que prejudicou a *vita activa*. Arendt diz: “O primado da contemplação sobre a atividade baseia-se na convicção de que nenhuma obra de mãos humanas pode igualar em beleza e verdade o kosmos físico” (ARENDDT, 2018, p. 19). Platão, no centro científico de Atenas, inaugura pela primeira vez uma divisão sistematizada do conhecimento, conhecida como: saber da dialética, da física e saber da ética, privilegiando como único conhecimento verdadeiro, aquele apreendido por intermédio das ideias. A ética, por sua vez, concebida através da “derivação dos princípios para estabelecer o cosmo da sociedade” (DILTHEY, 1992, p. 43), perde a dignidade prática do conhecimento que é intrínseca em todo e qualquer mundo de aparências. Dessa maneira, o filósofo destitui qualquer possibilidade de conhecimento a partir da *vita activa*, ou seja, de qualquer força prática aparente, confiando a *vita contemplativa*, toda possibilidade de conhecimento, ao inaparente. Torna-se facilmente perceptível que a hierarquia instaurada entre *vita contemplativa* e *vita activa*, conduzida pelos antigos filósofos, ao concorrer para a desqualificação e para a subordinação de qualquer possibilidade de conhecimento verdadeiro através da ação humana, eliminando a habilidade política e dispondo-a como mera técnica administrativa, retirou das “mãos humanas” aquilo que estaria dado desde o primeiro aparecimento do ser humano no mundo. A insegurança instituída em tudo que é aparência, visto que, na revelação do agente pode haver mera dissimulação no agir, torna a ação, a atividade mais importante da *vita activa*, um elemento básico de dúvida. No entanto, parece suspeito o *bios theoretikos*, ser reconhecido como única via de vida livre, mesmo que seja justificado pelos antigos, que o ser humano esteja situado entre coisas vistas e não vistas, coisas mortais e imortais, e que toda e qualquer ação humana tenha a necessidade de visar a um “fim”,

respeitando os dois lados. Uma vez que inclinar-se mais atentamente para o inaparente, para o "divino", não quer dizer, que esta via esteja dissociada da ação, porque mesmo que a ação seja realizada em conjunto, as questões do ser singular serão necessariamente tratadas na vida pública, ou seja, mesmo que a ação seja algo coletivo, precisamos estar com nós mesmos em algum momento, para conseguirmos nos distanciar das experiências e considerar situações e questões. Além do mais, pensar na separação da condição de humano que somos, parece um pouco distante do que pretendemos alcançar ao compartilhar o mundo, pois viver só ou se lançar para fora do mundo não abriria possibilidade de compartilhar, criar e se inteirar com as responsabilidades que temos de manter o mundo para habitarmos e para as próximas gerações.

É com palavras e atos que nos inserimos no mundo humano, e essa inserção é como um segundo nascimento, no qual confirmamos e assumimos o fato simples do nosso aparecimento físico original. Não nos é imposta pela utilidade, como o trabalho, nem desencadeada pela utilidade, como a obra (ARENDDT, 2018, p. 219).

Arendt, ao privilegiar a ação como algo essencial para uma vida verdadeira e plural, busca o sentido em grego e latim da palavra *arché* (ἀρχή), para trazer à tona sua mudança de significado e ainda, com o sentido transformado em duplo da palavra, impede até mesmo linguisticamente “o poder de instauração do novo que está contido na ação”(JARDIM, 2011, p. 99). Consequentemente, a semelhança das palavras e o significado estabelecido como das palavras *prattein* e *gerere* que passou a denominar “qualquer tipo de ação”, enquanto *archein* ganha o sentido de “governar” nas dimensões políticas e “*agere* passou a significar “liderar” mais do que pôr em movimento” (ARENDDT, 2018, p. 235), revelam uma mudança de significado da palavra, que Arendt ressalta para um aspecto crucial, de entendimento, pois onde deveria ser uma ação em conjunto, na qual seus interlocutores poderiam interagir e dar início a algo novo, passou a ser função de um único líder, que comanda os súditos. Esse abismo instaurado por Platão, “entre os dois modos de ação *archein* e *prattein* (comandar e agir), que, para os gregos eram interconectados” (ARENDDT, 2018, p. 275), transforma o governante em alguém como único capaz de dar ordens a outros que executam, ou seja, quem manda pensa e conhece e por esse motivo não precisa fazer. Quem exerce o feito não conhece as razões, eliminando o *primus inter pares* necessário nas relações entre os seres, dando fim ao mais importante, no que corresponde, a ação como espaço político plural para a busca do bem comum.

A sofística (o pensamento dos sofistas, que dá seguimento à filosofia pré-socrática) parece ter grande influência sobre a filosofia de Arendt, principalmente no que concerne à vida política. Quando consideramos a doutrina de Protágoras na qual “a verdade (‘*Ἀλήθεια*) leva à conquista cognoscitiva prática das coisas” (UNTERSTEINER, 2012, p. 49), percebemos uma aproximação, sobre a importância da vida prática. A experiência do real, neste caso, colabora para o conhecimento verdadeiro. Não vamos aqui entrar em discussão sobre o conhecimento relativo, mas tentar pensar sobre a fundamental importância da percepção de tudo aquilo que é aparente.

Somos aparência e tentamos buscar conhecimento a partir do que aparece, porque nós seres humanos nos deparamos com “aquilo que é” e não com “aquilo que não é”. Dessa maneira, nossa existência, que é aparente, busca coisas que aparecem, seja em forma de algo ou através de conceitos. A compreensão da ideia nesse caso, não parece dada, pois somos aptos a apreender por todos os sentidos e sentimentos, por esse motivo, as aparências podem ser diversas, mostramos através das aparências coisas ou conceitos que por si não apareceriam, e isso se torna um grande problema, pois a verdade parece relativizada quando aparece como algo associado às múltiplas percepções, entretanto a comprovação da verdade se manifesta ou se revela no mundo aparente. Existem duas concepções de verdade, que são fundamentais para continuarmos nossa aproximação com a filosofia Arendtiana.

uma empirista e outra metafísica ou teológica. A forma empirista consiste em admitir que a Verdade é o que se revela imediatamente ao homem, sendo, portanto, sensação, intuição ou fenômeno. A forma metafísica ou teológica afirma que a Verdade se revela em modos de conhecimento excepcionais ou privilegiados, por meio dos quais se torna evidente a essência das coisas, seu ser ou o seu princípio (Deus) (ABBAGNANO, 2007 p. 996).

Parece que a concepção de verdade da filosofia de Arendt não se encaixa em um único lugar, ou talvez, em lugar algum, a abordagem do “pensar sem corrimão” no indica mais uma vez a singularidade de sua filosofia, pois se por um lado parece empirista, a ponto de provar, que a ação política seria o único modo de vida e por esse motivo a verdade só é revelada neste local público, por outro lado, existe algo no estar só, e nos sentidos e sentimentos que são únicos e individuais.

## A ação no presente e no mundo contemporâneo

A dissolução do sentido de arché (ἀρχή), reverbera pontualmente sobre as responsabilidades assumidas por nossas práticas, até os dias atuais, pois a sociedade moderna concebe o ato de governar, não como um ato plural para busca do bem comum, mas como um lugar de busca de soluções para questões econômicas, demandas essas que são para suprir as necessidades elementares da sociedade, de administração doméstica, da vida privada do lar (*oikia*), o lugar da ação política dessa maneira substituído pela economia, eliminou a ação e a liberdade, o que na *pólis*<sup>4</sup> grega era considerado o modo de “organização política muito especial e livremente escolhida, e de modo algum apenas uma forma de ação necessária”(ARENDT, 2018, p. 17), contudo, hoje compreendemos que o desejo de suprir todas as nossas necessidades, parece nos conduzir a algum tipo de insatisfação e decadência.

Para Arendt, o “*homo faber*” assume o controle da Era moderna, pois com as Revoluções do século XVIII, as atividades “do homem enquanto fabricante do artifício humano, eliminando a contemplação como atividade significativa para o homem” (NETO, 2009, p. 52) tomaram proporções desmedidas, com os processos de exploração de todo o planeta, a descoberta do telescópio como face de uma nova ciência e ainda com a concentração da riqueza em uma única esfera social. Já entre os séculos XIX e XX, período que Arendt chama de mundo moderno, houve um retrocesso ainda maior, onde o “*animal laborans*” toma nitidamente a frente de qualquer experiência humana no mundo, como já havia sinalizado anteriormente, sobre o perigo de reduzir nossas capacidades da *vita activa* a simples busca para suprir as necessidades elementares, pois, desta forma, somos destituídos de humanidade. O mundo moderno se torna um registro de como as massas são solitárias (*loneliness*)<sup>5</sup>, pois através da “terrível novidade” do Estado totalitário, identificamos seres humanos agindo violentamente contra outros seres, sem ao menos considerar a situação de desumanização que estávamos atravessando, a crença da vida como bem supremo, e a destruição da diferença das esferas públicas e privadas, são marcas de um processo de anulação

<sup>4</sup> “A pólis não é a Cidade-Estado em sua localização física; é a organização das pessoas tal como ela resulta do agir e falar em conjunto, e seu verdadeiro espaço situa-se entre as pessoas que vivem juntas com tal propósito, não importa onde estejam” (Arendt, 2018, p.246)

<sup>5</sup> “Não é um homem solitário, mas desamparado *lonely*; sequer confia a si mesmo o testemunho do que está fazendo” (ARENDT, 2018, p.93)



da pluralidade, ou seja, a característica mais importante a ser preservada, estava sendo sabotada e desintegrada, povoando o mundo não de humanos, mas de “*animais laborans*”.

Por que, com a ascensão da *vita activa*, foi precisamente a atividade do trabalho que veio a ser promovida à mais alta posição entre as capacidades do homem; [...] por que, na diversidade da condição humana, com suas várias capacidades humanas, foi precisamente a vida que predominou sobre todas as outras considerações (ARENDDT, 2018, p. 389).

A resposta está integrada a uma disposição de uma “sociedade cristã” que concebeu a eternidade da vida como algo fascinante e “inverteu a antiga relação entre o homem e o mundo, promovendo aquilo que era mais mortal, a vida humana” (ARENDDT, 2018, p.390), que foi descaracterizada a ponto de desejar unicamente o consumo.

Ao propor uma crítica ao diagnóstico de Arendt, Byung Chul Han diz: “A descrição do *animal laborans* moderno de Arendt não correspondem às observações que podemos fazer na sociedade do desempenho hoje”(HAN, 2017, p.43 ). Entretanto, mesmo que possamos perceber as proximidades do cenário analisado por ambos os filósofos, precisamos atentar a dois fatores importantes, que seriam: a “violência” impregnada na velocidade dos acontecimentos da “sociedade do desempenho” que Han analisa, quando consideramos “velocidade dos acontecimentos”, seria sobre superinformação, superacumulação e os excessos de uma sociedade moderna, e o contraponto sobre a proposta de Arendt sobre “pensar o que estamos fazendo” em uma sociedade que parece esquecida do significado de ação política. O filósofo Byung Chul-Han, ainda ressalta um fator sobre o agir, que seria inviável um aprofundamento neste momento, porém, o mais relevante aqui, se faz presente quando Han diz que “a ação tem uma dimensão quase religiosa”(HAN, 2017, p. 40), seria quase como o milagre do nascimento. A passagem citada nos desloca exatamente para o que Arendt indica quando reflete sobre o segundo nascimento, que seria a integração no mundo através da ação (*práxis*) e do discurso (*lexis*) e essa integração depende do espaço político, do contrário o segundo nascimento não ocorre. Esse espaço de dar significado às coisas e aos assuntos humanos, apesar de ser um espaço de contrariedades e receios, precisa ser considerado como um meio para uma “boa vida”, pois ficaríamos sempre à margem de uma vida verdadeira, se não nos colocarmos à disposição da ação política, onde revelamos o *quem* através de nossas práticas e responsabilidades que assumimos na dinâmica da vida. Podemos, além disso, perceber que o ser humano parece um reflexo do “*animal laborans*”, mencionado por Arendt, esse ser que reduz suas capacidades a produção e consumo, o ser que não compreendeu o valor do agir,

simplesmente pelo fato da ação não corresponder às suas necessidades, porque um dos aspectos da ação é ter seu fim em si mesma

A ação atua sobre seres que são capazes de realizar suas próprias ações, a reação, além de ser uma resposta, é sempre uma nova ação que segue seu curso próprio e afeta os outros. [...] pois basta um ato e, às vezes, uma palavra para mudar todo um conjunto. (ARENDDT, 2018, p. 236).

Que condição precisa ser ajustada de tempos em tempos, para que o Estado totalitário, ou coisa parecida não nos alcance novamente? Em que dimensão a ação política pode ser privilegiada hoje, como um critério para preservação da pluralidade? Ao refletir sobre essas questões, podemos perceber a gigantesca importância da filosofia Arendtiana, que mostra que o resgate e a instauração da ação são fundamentais nos dias atuais. Porque a ação reivindica a relação de uma pluralidade de indivíduos, onde esses seres plurais coabitam e dividem um espaço que somente se torna espaço político se a igualdade e a liberdade estiverem presentes. Liberdade aqui entendida não como direito assegurado, mas como meio para ação pública, onde a liberdade garante que a ação se faça entre iguais. Portanto, quando presumimos que o outro possa nos compreender e o desejo de ser entendido através de atos e palavras surgem na interação com o outro, sem intervenção de coisa alguma, a igualdade se estabelece como ato de compreensão e por sua vez aponta a distinção entre os indivíduos.

### **Considerações finais**

Refletir sobre *arché*, como um eixo de abertura, para se iniciar o novo é abrir espaço para discutirmos, não só sobre a importância dos “recém-chegados”, mas ainda sobre a permanência da pluralidade no mundo, Hannah Arendt com sua filosofia nos estimula não a remontar um procedimento a ser executado no espaço político, mas afirmar a *vita activa* como um caminho de busca para o bem comum, de maneira alguma subjugar a *vita contemplativa*, mas apontar a legitimidade da ação perante a realidade aparente da existência.

A disposição de assumir responsabilidades frente às ações práticas e a tentativa de buscar significados, não está em uma dimensão fora do mundo, tampouco se encontra pura e simplesmente na vida pública. Parece que existe uma interligação entre todos os fenômenos humanos.

Parar para pensar o que estamos fazendo, nos torna capazes de frear a desumanização a que fomos conduzidos por algumas forças condicionantes do mundo moderno, onde nos enveredamos, na lógica de produção e consumo, nos transformando em meros *animal laborans*. Essas discussões não se encerram, porque viver é compartilhar o mundo com outros seres singulares na condição humana da pluralidade.

### Referências Bibliográficas

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. 13 ed. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.

\_\_\_\_\_. **Origens do totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. **O que é política?** Úrsula Ludz (org.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002c.

\_\_\_\_\_. **A vida do espírito – O pensar, o querer, o julgar**. Trad. Antônio Abranches, César Augusto, Helena Martins, Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002b.

\_\_\_\_\_. **Entre o passado e o futuro**. 8 ed. Trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo Perspectiva: 2016-(Debates; 64/dirigida por J. Guinsburg).

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5ª ed. Trad. Alfredo Bossi e Ivone Castilho Beneditti, São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ADLER, Laure. **Nos Passos de Hannah Arendt**. 3 ed. Trad. Tatiana Salem Levy e Marcelo Jacques. Rio de Janeiro: Record, 2007.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W. D. Rosá, 1ª Edição-Janeiro 1973

DILTHEY, Wilhelm. **História da Filosofia**. Trad. Silveira Mello. São Paulo; Livraria Exposição do Livro.

JARDIM, Eduardo. **Hannah Arendt: pensadora da crise e de um novo início**. Rio de Janeiro; Civilização Brasileira, 2011.

HAN, Byung Chul. **Sociedade do cansaço**. Trad. Enio Paulo Giachini, 2º edição ampliada, 4ºreimpressão 2019-Petrópolis, RJ. Vozes 2017.

NETO, Rodrigo Ribeiro Neto. **Alienações do mundo**: uma interpretação da obra de Hannah Arendt, Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Ed. Loyola, 2009.

UNTERSTEINER, Mario, **A Obra dos Sofistas**: *Uma interpretação filosófica*. Editora PAULUS, 2012.

E-mail: lana.helena1@gmail.com